



Ispá

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS E
ATITUDES FACE AO DUPLO PADRÃO
SEXUAL: UM ESTUDO CORRELACIONAL

JOANA CATARINO PEREIRA

Orientadora de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ISABEL LEAL

Professora de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ISABEL LEAL

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA
Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Isabel Leal, apresentada no Ispa – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Agradeço, antes de mais, ao ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. O meu bem-haja por todo o apoio, recursos e oportunidades. Obrigada pela possibilidade de frequentar o Mestrado em Psicologia Clínica, permitindo seguir os meus sonhos e cumprir, simultaneamente, os meus objetivos, tanto como académica, como Pessoa.

Destacadamente, e como não podia deixar de ser, expresso a minha gratidão à orientadora de dissertação, a Professora Doutora Isabel Leal, pela simplicidade no trato, pela disponibilidade e pelo incansável investimento – por ela sinto o maior respeito e admiração. Foi um privilégio poder estar acompanhada de uma figura tão proeminente e conceituada na área da Psicologia. Mais ainda, um grande obrigada ao ilustre Professor e Doutor Paulo Nogueira, tão prestável na área da análise de dados – com completa certeza, o seu auxílio foi determinante nesta fase – espero fazer jus ao seu conhecimento, por si guardo o maior apreço e estima.

Àqueles que ainda não conheci – à banca examinadora – agradeço antecipadamente a disponibilidade, tempo despendido e dedicado para que eu possa defender o meu trabalho. A todos, grata pela vossa presença nesse dia tão importante para o meu futuro.

Agradeço, com ênfase, aos meus pais. Sem eles, os meus sonhos não teriam a oportunidade de ganhar forma – a eles espero ser motivo de maior orgulho. Aos amigos e colegas que se cruzaram comigo nesta jornada, com certeza guardo com afeição – levo comigo – a memória dos tempos que passámos juntos, na dificuldade e no sucesso. Em especial, agradeço à Ana Margarida Machado, da especialidade de Psicologia Forense, companheira de tantos anos que, mais uma, das inúmeras vezes, me ajudou com a maior humildade.

Declaro também a minha gratidão aos colegas do projeto Generalidad@s, foi um prazer trabalhar convosco em torno de um tema e objetivo comum, lançado pela Professora Doutora Isabel Leal. Ainda neste sentido, obrigada a todos os participantes deste estudo e projeto, é imensurável o vosso contributo.

A todos, obrigada, sem vocês não teria sido possível, *ipso facto*.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.” – Madre Teresa de Calcuta, Índia, s.d.

As mais sentidas saudações académicas,

Joana Catarino Pereira

Resumo

Enquadramento: O Duplo Padrão Sexual (DPS) refere-se a avaliações diferenciadas de comportamentos sexuais baseadas no género, onde homens e mulheres são julgados de maneira desigual. **Objetivo:** Caracterizar as atitudes dos portugueses face ao Duplo Padrão Sexual, identificando fatores sociodemográficos que possam influenciar essas atitudes. **Método:** Este estudo empírico, de *design* não experimental, enquadra-se na categoria de estudos correlacionais e transversais, sendo orientado para a descoberta, usando uma abordagem exploratória, indutiva e descritiva. Foram colhidos dados de 802 participantes, utilizando a Nova Escala de Duplo Padrão Sexual (Versão DPS Pessoal), que foi validada e apresentou níveis satisfatórios de fiabilidade. **Resultados:** O estudo revelou que as atitudes face ao Duplo Padrão Sexual são significativamente influenciadas por fatores como sexo, género, habilitações literárias e crenças religiosas. Por outro lado, idade, orientação sexual, zona de residência, profissão e situação profissional não demonstraram ter uma influência significativa. **Conclusão:** Os resultados contribuem para uma compreensão mais aprofundada das atitudes da população portuguesa face ao Duplo Padrão Sexual, destacando a persistência de desigualdades de género em contextos específicos.

Palavras-chave: estudo de correlação, duplo padrão sexual, sexualidade, atitudes, portugueses

Abstract

Framework: The Sexual Double Standard (SDS) refers to the differential evaluation of sexual behaviors based on gender, where men and women are judged unequally. **Objective:** To characterize the attitudes of Portuguese people towards the Sexual Double Standard, identifying sociodemographic factors that may influence these attitudes. **Method:** This empirical, non-experimental study falls within the category of correlational and cross-sectional studies, and is discovery-oriented, using an exploratory, inductive, and descriptive approach. Data were collected from 802 participants using the New Sexual Double Standard Scale (Personal SDS Version), which was validated and showed satisfactory reliability levels. **Results:** The study found that attitudes towards the Sexual Double Standard are significantly influenced by factors such as sex, gender, educational qualifications, and religious beliefs. Conversely, age, sexual orientation, residence area, profession, and employment status did not show significant influence. **Conclusion:** The findings contribute to a deeper understanding of Portuguese attitudes towards the Sexual Double Standard, highlighting the persistence of gender inequalities in specific contexts.

Keys-words: correlational study, sexual double standard, sexuality, attitudes, portuguese

Índice Geral

Agradecimentos	II
Resumo.....	III
Abstract	IV
Introdução	8
Enquadramento Teórico	9
O Duplo Padrão Sexual e as Atitudes Face ao Género	9
Perspetivas Teóricas e Moderadores	9
Origem e Evolução ao Longo do Tempo	13
Duplo Padrão Sexual em Portugal	15
Inconsistências na Investigação	16
Método	18
Delineamento	18
Participantes	19
Caracterização da amostra	19
Procedimento	20
Validação da Escala	20
Construção do Questionário	21
Material	22
Questionário Sociodemográfico.....	22
Nova Escala de Duplo Padrão Sexual	22
Análise de dados	23
Resultados	24
Estatísticas Descritivas e Frequências.....	24
Análise de Normalidade	24
Correlação de Spearman	25

Testes Não-Paramétricos.....	25
Interpretação dos Resultados	26
Discussão	26
Influência do Sexo e do Género nas Atitudes Face ao Duplo Padrão Sexual.....	27
Impacto das Habilitações Literárias	27
Crenças Religiosas e o Duplo Padrão Sexual	28
Fatores Sem Influência Significativa	29
Limitações do Estudo.....	29
Implicações e Sugestões para Pesquisas Futuras	29
Conclusão.....	29
Referências.....	31
Anexo A. Material.....	41
Anexo B. Teste à Normalidade	43
Anexo C. Teste ao Coeficiente de Correlação	44
Anexo D. Testes de Hipóteses Não-Paramétricos	46

Índice de Tabelas

Tabela 1.....	19
Tabela 2.....	43
Tabela 3.....	44
Tabela 4.....	44
Tabela 5.....	45
Tabela 6.....	46
Tabela 7.....	46
Tabela 8.....	46
Tabela 9.....	47

Tabela 10.....	47
Tabela 11.....	47
Tabela 12.....	48
Tabela 13.....	48
Tabela 14.....	48
Tabela 15.....	49
Tabela 16.....	49
Tabela 17.....	50
Tabela 18.....	50
Tabela 19.....	51
Tabela 20.....	52
Tabela 21.....	52
Tabela 22.....	52
Tabela 23.....	53

Introdução

O Duplo Padrão Sexual, como conceito, foi originalmente desenvolvido por Reiss (1960), trazendo o conceito de atitudes pré-maritais que seriam encorajadas para os homens, mas não para as mulheres. Na visão tradicional, espera-se restrição da mulher e da sua sexualidade, sendo punida e vista negativamente, ao demonstrar agência e envolvimento em comportamentos de cariz sexual (Zaikman & Marks, 2017; Crowford & Popp, 2003). O homem é valorizado por ser ativo, dominante e ter tomada de iniciativa para a atividade sexual heterossexual, enquanto a mulher deve ser reativa, submissa e passiva. Resumidamente, é penalizada a mulher que demonstrar comportamentos auto promotores da sua sexualidade (Rudman, 1998), bem como expressar-se de modo direto e dominante (Carli et al., 1995), enquanto, no homem se condena a passividade (Costrich et al., 1975) e a modéstia (Moss-Racusin et al., 2010).

As expetativas sociais em relação à sexualidade masculina e feminina, bem como as suas diferenças, podem surgir, como pressupõem Eagly e Wood (1999), de crenças relativas ao homem ter mais poder do que a mulher ou, simplesmente, de que o homem está programado para ser mais sexualmente ativo (Trivers, 1972) – mas vastas são as perspetivas teóricas e inconsistentes são os resultados da investigação contemporânea. A existência do Duplo Padrão Sexual, contudo, conjectura-se residir no modo como os indivíduos internalizam o fenómeno a nível das cognições sociais, a saber, e neste caso, como expressam as atitudes (Greenwald et al., 2002). A investigação na área das atitudes face ao Duplo Padrão Sexual permite aumentar a compreensão sobre o comportamento sexual, diferenciado, ao promover a consciência sobre a forma como, socialmente, se percecionam os indivíduos e alertar para as implicações a nível da reputação, liberdade, saúde e bem-estar (Amaro, 2023). Ao mesmo tempo, como mencionado brevemente, é imprescindível ter em consideração que, empiricamente, a deteção de padrões no estudo do Duplo Padrão Sexual não é robusta, sendo consideráveis as inconsistências na literatura.

Trazer à investigação um estudo atual, que caracterize a população portuguesa, no domínio das atitudes face ao Duplo Padrão Sexual, apresenta vantagens na ordem da descrição da incidência, análise de preditores e antecipação de níveis e populações de risco. Neste caso, em particular, visa-se a verificação de efeitos, atualizando o estado da arte com informação sobre padrões na população que se mostram valiosos para a investigação científica e práticas na área da saúde pública (Mann, 2003).

Enquadramento Teórico

O Duplo Padrão Sexual e as Atitudes Face ao Género

O Duplo Padrão Sexual (DPS) é um fenómeno social que consiste em avaliações e julgamentos polarizados sobre comportamentos sexuais, sexo e sexualidade, consoante o indivíduo heterossexual é homem ou mulher (Zaikman & Marks, 2017; Marks & Fraley, 2005; Wesson, 2022). Conforme o género do indivíduo, determinado comportamento pode suscitar atitudes mais ou menos favoráveis nos outros, de modo que um indivíduo é estigmatizando e outro é louvado. Neste sentido, género está por detrás das definições de masculinidade e feminilidade (Brickell, 2006) e é este que implementa características e comportamentos ou, por assim dizer, estereótipos e papéis adequados, no âmbito do comportamento e experiência humana e da sexualidade, em particular (Blakmore et al., 2009; Howard & Hollander, 1997; Marecek et al., 2004). A sua função, portanto, no âmbito da sexualidade, seria prescritiva do que é socialmente aceite ou condenável (Eagly et al., 2004). No estudo do Duplo Padrão Sexual, torna-se imprescindível abordar o conceito de atitudes. É crucial compreender que estas são “uma avaliação de um objeto de pensamento” (Bohner & Dickel, 2011, pp. 392); são a compreensão de algo que o indivíduo tem em mente, mundano ou abstrato, sobre coisas, grupos e ideias; são uma tendência psicológica na manifestação de avaliações de uma determinada entidade e com algum grau de aprovação ou desaprovação (Eagly & Chaiken, 2007). Estudar as atitudes face ao Duplo Padrão Sexual é um olhar no futuro para a igualdade sexual, promoção de mudanças nos papéis, liberalização de normas, melhorias nos recursos de saúde e transformações nos padrões de namoro, prevendo papéis sexuais mais igualitários e diminuição dos duplos padrões, como perspetivava Reiss, nos seus estudos (Crowford & Popp, 2003).

Perspetivas Teóricas e Moderadores

Existe uma diversidade de perspetivas teóricas que apresentam explicações para o início e especificidades do Duplo Padrão Sexual. Três serão realçadas, devido à sua relevância na literatura, sendo estas a teoria evolutiva, a teoria biossocial e a teoria da aprendizagem social. Abordar as perspetivas teóricas permite uma compreensão larga e global do surgimento do conceito de Duplo Padrão Sexual, bem como o modo como apareceu para definir um fenómeno existente que, segundo as diferentes teorias, tem as suas razões para existir.

A teoria evolutiva sustenta o Duplo Padrão Sexual em adaptações evolutivas que influenciam o comportamento sexual e aquilo que pensamos sobre ele. Alguns indivíduos possuem certos atributos que garantem a sobrevivência e vantagem reprodutiva, assegurando a

transmissão dessas características às gerações seguintes, pelo que estes indivíduos seriam mais desejáveis (Zaikman & Marks, 2017). Nesta perspectiva, verificam-se diferenças entre género, nomeadamente, no investimento parental e nas estratégias reprodutivas, influenciando as expectativas e avaliações sobre o comportamento sexual. De acordo com a teoria do investimento parental, as mulheres são mais investidas na escolha dos parceiros – eleição biológica – devido ao número limitado de gravidezes que podem assegurar (Trivers, 1972). Os homens, por sua vez, investem menos, mas competem entre si para a seleção de parceiras sexuais, pelo que precisam de ser dominantes e assertivos, de modo a garantir o sucesso reprodutivo – acasalamento (Buss & Schmitt, 1993). Assim, assume-se que estes processos evolutivos influenciam a nível inconsciente a forma como vemos o comportamento sexual. Características que demonstrem aptidão reprodutiva, nomeadamente físicas e comportamentais, levam a avaliações positivas, enquanto o oposto provoca avaliações negativas (Milhausen & Herold, 2002). Indivíduos considerados aptos para a reprodução estão associados a características de personalidade positivas e mulheres com comportamento sexual mais ativo geram maior incerteza em relação à sua capacidade de escolha de um parceiro para a paternidade (Zaikman & Marks, 2017).

Relativamente à teoria biossocial (Wood & Eagly, 2002, 2012), a mesma traz explicações na ordem dos papéis de género, moldados por diferenças biológicas e por normas sociais, fazendo surgir diferenças nos critérios para o comportamento, conforme o género. Papéis típicos seriam a mulher dona de casa, encarregada da conceção e da amamentação, e o homem seria o responsável económico, forte, dominante, sexualmente ativo e assertivo (Wood & Eagly, 2002, 2012; Zaikman & Marks, 2017). A sociedade, então, espera que os indivíduos adotem comportamentos concordantes com os seus papéis de género (Gaunt, 2012). Assim, nesta linha, quando existe coerência entre o comportamento e os papéis de género, são feitas avaliações positivas e, no oposto, a divergência leva a avaliações negativas. Os indivíduos, por sua vez, aprendem sobre os papéis de género por meio de processos de socialização, advindo da observação – aprendizagem observacional. Portanto, é importante incorporar a ideia de recompensa e punição nos processos de aprendizagem de comportamento social, conforme se é homem ou mulher (Bussey & Bandura, 1999). Semelhante ao que já foi mencionado, espera-se, em sociedade, que os homens sejam agentes na sexualidade e que as mulheres sejam sexualmente comunitárias, o que influencia, não só o comportamento sexual masculino e feminino, mas também as cognições e atitudes relativas ao Duplo Padrão Sexual, fomentando diferenças de género e expectativas comportamentais.

No que diz respeito à teoria da aprendizagem social cognitiva (Bandura, 1986), esta explica a existência do Duplo Padrão Sexual através da modelagem de comportamentos coerentes com as expectativas sociais e culturais, os quais são reforçados positivamente; pelo contrário, punem-se comportamentos inconsistentes, no sentido de promover um e extinguir ou evitar outro (Kohlberg, 1966). Desta maneira, resumidamente, através da observação e da modelagem, é feita a aprendizagem sobre quais comportamentos são favoráveis, levando à recompensa social, e quais são sancionados, levando ao evitamento da imitação (Bandura & Walters, 1963). Para tal, os indivíduos devem ser dotados da capacidade de antecipar consequências, baseados nas expectativas e resultados do comportamento (Hogben & Byrne, 1998). Isto pode ser feito pela aprendizagem indireta, observando comportamentos de outras pessoas e vendo-as serem recompensadas ou punidas (Petersen & Hyde, 2010), ou pelo controle de estímulos internos e externos, uma vez que a recompensa aumenta a probabilidade de o comportamento ser imitado, enquanto a punição diminui (Mischel, 1966). Posto isto, o Duplo Padrão Sexual perdura consoante os comportamentos têm vindo a ser reforçados ou punidos e como os indivíduos se ajustam perante tal.

Seguidamente, tratar-se-á de identificar as perspetivas teóricas dos moderadores, contando com as diferenças de género, especificidade comportamental, diferenças interculturais e mudanças ao longo do tempo, e diferenças de idade.

As diferenças de género e a manutenção do Duplo Padrão Sexual podem ser explicadas pela teoria do controle masculino e pela teoria do controle feminino (Baumeister & Twenge, 2002). Na perspetiva do controle masculino (Baumeister & Twenge, 2002), o Duplo Padrão Sexual permite a preservação de privilégios, bem como a supressão e controle da sexualidade feminina. Isto porque permite ter maiores certezas sobre a paternidade (Buss, 1994), reduz a insegurança masculina e previne o caos social provocado pelo sexo generalizado e indiscriminado (Baumeister & Twenge, 2002; Hyde & DeLamater, 1997). Como parte de um sistema do patriarcado, o Duplo Padrão Sexual tem mais manutenção e apoio dos homens, no qual as mulheres se vêm reprimidas e contidas (Rudman et al., 2013). A teoria do controle feminino (Baumeister & Twenge, 2002), por sua vez, exalta o valor da sexualidade feminina, como mais valiosa e desejável, sendo mais procurada (Baumeister & Twenge, 2002). Por causa desta desejabilidade, a supressão da sexualidade feminina acarreta algumas vantagens, como a troca de favores sexuais por provisão económica, relações monogâmicas e investimento parental (Petersen & Hyde, 2010; Rudman et al., 2013). Posto isto, o Duplo Padrão Sexual reforça o patriarcado, simultaneamente, reprimindo a liberdade sexual das mulheres.

A análise de Endendijk e colaboradores (2020) define comportamento sexual como comportamentos de sexo oral e/ou relação sexual (vaginal/anal), visto que a diversidade de estudos que investigaram outros comportamentos como carícias, beijos ou estimulação manual da genitália são, ainda, pouco estudados em relação ao Duplo Padrão Sexual. Mais informação sobre comportamentos sexuais estudados relacionados ao Duplo Padrão Sexual podem ser encontrados mais detalhadamente na meta-análise de Endendijk e colaboradores (2020). Modelos híbridos fazem combinações da teoria evolutiva e da teoria biossocial, explicando as diferenças de gênero, na sexualidade, através da interação entre predisposições evolutivas e pressões socioculturais, por exemplo, na compreensão de variações nas diferenças de gênero de acordo com determinado comportamento (Lippa, 2009; Cross et al., 2013). Já a teoria evolutiva, refere-se aos benefícios que os homens têm em ingressar em relações sexuais frequentes e com múltiplas parceiras, pois aumenta o sucesso na transmissão genética, enquanto, por outro lado, as mulheres beneficiam mais de abster-se ou adiar este comportamento para que possam investir na parentalidade (Buss & Schmitt, 1993; Petersen & Hyde, 2010). Sintetizando, o Duplo Padrão será mais prevalente em determinados comportamentos sexuais ao ser avaliado na base de vantagens e sucesso reprodutivo. Contudo, o comportamento sexual não é exclusivo para fins de procriação, como pode ser exemplificado pelo uso do preservativo e de contraceptivos, indicando que os processos evolutivos são tendências gerais subjacentes ao comportamento sexual (Zaikman & Marks, 2017).

No âmbito das diferenças interculturais e mudanças ao longo do tempo, e consoante as teorias evolutivas, perspetivam-se diferenças sexuais obrigatórias em que o Duplo Padrão Sexual se sustenta, a saber que, segundo este, deveriam ser universais, presentes e uniformes em todas as culturas e países, causadas por efeitos hormonais ou genéticos (Endendijk et al., 2020; Schmitt, 2015). Todavia, têm-se verificado variações do Duplo Padrão Sexual entre culturas, como resultado da ecologia local, religião e, especialmente, igualdade de gênero (Wood & Eagly, 2002, 2012). Mais informação pode ser obtida através do índice de desigualdade de gênero (United Nations Development Program, 2017) e pela pontuação global da disparidade de gênero (World Economic Forum, 2017), em que índices mais díspares apontam para um Duplo Padrão Sexual mais tradicional e índices menos díspares apontam um Duplo Padrão Sexual menos tradicional. A respeito das mudanças ao longo do tempo, e pela teoria biossocial, não são previstas grandes alterações do Duplo Padrão Sexual, nos últimos anos, dado que os processos evolutivos são, na maioria, demorados. Ainda assim, quanto mais recente for a investigação, espera-se uma visão cada vez menos tradicional, pois as sociedades

estão cada vez mais modernas, pelo que o comportamento sexual é cada vez menos diferenciado e a igualdade de género tem vindo a aumentar, ao longo das décadas (Eagly & Wood, 1999; Wood & Eagly, 2002, 2012; Inglehart & Norris, 2003).

Quanto às diferenças de idade, tanto a teoria evolutiva como a teoria biossocial fazem previsões diretas sobre as diferenças de idade, na existência do Duplo Padrão Sexual. Não obstante, existem pressões que forçam à conformidade de papéis de género, sendo mais elevado na adolescência, em virtude do surgimento de mudanças biológicas, sociais e cognitivas, bem como o desenvolvimento da sexualidade, considerando que esta faixa etária é mais propensa a fazer avaliações sobre outros, levando a uma maior prevalência do Duplo Padrão Sexual (Basow & Rubin, 1999; Hill & Lynch, 1983; DeLamater & Friedrich, 2002; Kreager et al., 2016).

Origem e Evolução ao Longo do Tempo

De acordo com Ramos e colaboradores (2005), é na exploração de registos sobre a história da humanidade que nos deparamos com construções socioculturais sustentadas em normas que regem relações sociais, afetivas e sexuais de cada época, evidenciando o dimorfismo entre géneros. Por isso, o referido dimorfismo não será resultado de fatores genéticos ou imperativos sociais, mas sim um reflexo de uma construção histórico-cultural. Ramos e colaboradores (2005), referenciando Bettelheim (1989), apontam para acontecimentos sociais e científicos que, em determinado período histórico-cultural, terão consolidado diferenças de género, conduzindo à construção do Duplo Padrão Sexual. Consoante estes autores, acontecimentos sociais, políticos e económicos modelam as atitudes e comportamentos sexuais entre os géneros, transformando e desencadeando mudanças na vivência das relações e práticas de gerações seguintes.

As diferenças de género – dimorfismo sexual – têm sido foco de interesse, particularmente, na área da Biologia, Sociologia e Psicologia, com estudos na esfera da sexualidade, tendo sido produzidas teorias que tentam explicar as origens do dimorfismo sexual (Amâncio, 1994, 1998). No mesmo sentido desta narrativa, as formulações teóricas que foram desenvolvidas devem ser vistas como o resultado de uma construção histórico-cultural (Alferes, 1997). O construcionismo social debruça-se sobre a dualidade e dicotomia do género, estendendo-se à sexualidade – construção histórico-cultural – moldada por normas e valores que instituem padrões de comportamento sexual não universais, pois o significado atribuído difere e é dependente da cultura e período histórico (Robinson & Richardson, 1997). Ramos e

colaboradores (2005) citam Gagnon (1977) e Simon e Gagnon (1986) como referências da teoria dos *scripts* sexuais, quer isto dizer, esquemas mentais que orientam ações e estabelecem diretrizes que, colocadas em questões, são: “O quê, quem, quando, onde e porquê?”. Estes *scripts* são organizadores do comportamento sexual e cumprem a função de adequar às normas da cultura. Brevemente, orientam o comportamento sexual, detetam interesses partilhados e garantem que desejos sexuais se concretizem, ao mesmo tempo que são adequados a normas sociais particulares de contextos culturais e períodos históricos (Gagnon, 1977). No enquadramento do Duplo Padrão Sexual, o *script* tradicional incentiva somente o homem a atribuir uma interpretação sexual às relações afetivas, em contraste com as mulheres, induzidas à culpabilidade quando o ato sexual viola convenções culturais (Herold & Mewhinney, 1993).

A abordagem rigorosa e perspicaz de Ramos e colaboradores (2005) influenciou altamente o curso de análise do que a seguir se expõe. Segundo Badinter (1986), Beauvoir (1975), Duby (1992, 1998) e Pacheco (1998), citados pelos autores em primeiro lugar mencionados, encontra-se informação minuciosa e exaustiva sobre uma diversidade de civilizações de poder e influência patriarcal que fomentaram o surgimento e manutenção do Duplo Padrão Sexual, “desde o paleolítico, passando pelo *pater familias* romano, do cavaleiro da Idade Média ao camponês do século XVIII” (Ramos et al., 2005, pp. 174). A supremacia masculina resultava de alianças políticas e religiosas impositoras de direitos sobre o corpo e sexualidade feminina, a mulher do lar, a mãe (Badinter, 1986). Foi no final do século XIX e início do século XX que se começaram a emergir tentativas contra uma “dupla moral sexual”, potenciando mudanças nas perceções e vivências da sexualidade (Badinter, 1986).

O desenvolvimento do conceito de Duplo Padrão Sexual surge com investigação pioneira de Reiss (1956), que trouxe a noção de disparidade, nas avaliações feitas entre homens e mulheres, sobre comportamentos sexuais semelhantes, em que as mulheres são vistas negativamente, comparativamente aos homens. Conforme a contextualização de Ramos e colaboradores (2005), em conjunto com a de Almeida e colaboradores (2020), foi na década de 60 que se deu uma presença mais acentuada do Duplo Padrão Sexual, chegando a conclusões sobre níveis de permissividade e abertura à experiência sexual. Tal significa que os homens eram mais permissivos nas atitudes e tinham maior abertura à experiência sexual do que as mulheres (Reiss, 1956). Reiss (1967) conduziu um estudo sistemático sobre o Duplo Padrão Sexual, trazendo foco às atitudes face a “vários graus de permissividade heterossexual incorporada nos nossos padrões pré-matrimoniais” (pp. 6), ou seja, a aplicação de sanções às mulheres, mas não aos homens, em relação ao comportamento sexual antes do casamento. Para

informação mais circunstanciada, recomenda-se a revisão de Crawford e Popp (2003), mais detalhada e descritiva dos estudos de Reiss (1960, 1964).

Na década de 60 e 80, nos EUA, dá-se o movimento feminista e a pílula, numa revolução sexual que permitiu à mulher mais controle sobre si e sobre essa vertente da sua vida. A distinção entre sexualidade e procriação, nas campanhas de sensibilização para o uso de contraceptivos e controle da fecundidade, como anteriormente indicado, desencadeou um aumento dos divórcios, abortos e coabitação juvenil (Ramos et al., 2005). Neste seguimento, deram-se também mudanças no Duplo Padrão Sexual e, ainda que este persistisse, as mulheres começaram a demonstrar atitudes e experiências mais permissivas, no comportamento sexual, motivadas pelas primeiras oportunidades de propriedade e agência sobre os seus corpos, ainda que houvesse uma diferença considerável de permissividade das atitudes sexuais entre géneros (Heer & Grossbard-Shechtman, 1981; Peplau et al., 1977). Daí em diante, emergiram padrões de atitudes e comportamentos sexuais mais afastados da visão ortodoxa do Duplo Padrão Sexual, aumentando a distância entre imposições de sociedades patriarcais e o padrão da atualidade, mais permissivo.

Com o aproximar dos tempos mais recentes, a investigação tem-se deparado com resultados algo controversos, devido ao aparecimento de inconsistências na literatura, pois surgem questões sobre a presença do Duplo Padrão Sexual (por exemplo, Alferes, 1997; Gentry & College, 1998; Mark & Miller, 1986; Milhausen & Herold, 1999, 2002). Verifica-se que os comportamentos sexuais de ambos os géneros têm vindo a convergir num padrão singular, o que significa que a permissividade sexual para ambos os géneros é, cada vez, mais igualitária, quanto mais recentes os tempos são. Em discordância, existe, da mesma forma, investigação que prova a existência do Duplo Padrão Sexual na modernidade (por exemplo, Gentry & College, 1998; Herold & Mewhinney, 1993). Parte do processo de compreensão de inconsistências na literatura pode passar pela metodologia (Sprecher et al., 1991) ou modo como se tem operacionalizado o Duplo Padrão Sexual (Milhausen & Herold, 1999). Nos dias de hoje, este conceito é utilizado para descrever diferentes graus de aceitação de uma diversidade de condutas sexuais e para descrever a avaliação que destas é feita, conforme se é homem ou mulher (Endendijk et al., 2020; Petersen & Hyde, 2011).

Duplo Padrão Sexual em Portugal

Em Portugal, a investigação vai ao encontro dos resultados de literatura internacional, verificando-se inconsistências na adesão ao Duplo Padrão Sexual. Alvarez e colaboradores

(2023) demonstram estas inconsistências ao deparar-se com dados que evidenciam atitudes mais e menos liberais, na presença de um Duplo Padrão Sexual tradicional que coexiste com padrões igualitários, num liberalismo *versus* conservadorismo. Ramos e colaboradores (2005) demonstraram que, a nível social, as jovens universitárias manifestavam tendência a perceber a existência do Duplo Padrão Sexual, nos julgamentos sociais face à sexualidade pré-marital. A nível pessoal, defendiam um Duplo Padrão Sexual singular e mais igualitário (Ramos et al., 2005). Outro estudo, com estudantes, de Alves e colaboradores (2008), apontou para a adesão ao Duplo Padrão Sexual, num nível individual, porém, revelaram maior consensualidade sobre julgamentos e avaliações. Noutro estudo, sobre a satisfação sexual de estudantes universitários, constatou-se que sexo casual é menos satisfatório e é marcado pela desigualdade de género, salientando os estereótipos do homem sexual e da mulher emocional, com pressão para a compatibilidade com os papéis de género estabelecidos por normas sexuais que, pressionados por um Duplo Padrão Sexual, forçam a masculinidade e a feminilidade (Amaro et al., 2022). Mais recentemente, começou a investir-se em estudos com populações de outras orientações sexuais – LGBT – ainda que muito escassa, pelo que não permite comparação com pesquisas prévias. Tal é um avanço, considerando que a investigação se tem debruçado “exclusiva” e intensamente sobre indivíduos heterossexuais. Um estudo de Almeida e colaboradores (2020) veio trazer novas perspetivas, comparando participantes heterossexuais com participantes LGB. Os resultados demonstraram que a população LGB adere significativamente menos ao Duplo Padrão Sexual, apresentando maior permissividade no comportamento sexual, comparativamente com a população heterossexual. Acrescentar, esta população mostra maior adesão a atitudes e crenças igualitárias face ao comportamento sexual, tanto para homens e mulheres, como para diferentes orientações sexuais.

Inconsistências na Investigação

Com o crescer da investigação nesta área, foi possível começar a identificar algumas inconsistências, pelo que a literatura não aponta num mesmo e único sentido. Por exemplo, em estudos do novo milénio, existem duas vertentes. Numa perspetiva, valida-se a existência do Duplo Padrão Sexual, como ilustra um estudo longitudinal, onde foram recolhidos dados de três momentos distintos (1981, 1991, 2001), em que se estudou mudanças nas atitudes e comportamentos de estudantes, em relação ao sexo pré-marital (Earle et al., 2007). Neste, verificou-se que, como já reportado antes, os homens continuavam a demonstrar-se mais sexualmente permissivos do que as mulheres, mas que estas progrediram, no sentido de serem significativamente mais permissivas, com o passar dos anos, tanto em relacionamentos sérios,

como casuais (Earle et al., 2007). Todavia, o oposto também tem sido verificado, encontrando-se discursos liberais e igualitários (Alvarez et al., 2023), que nem sempre permitem reportar a existência de um Duplo Padrão Sexual. Num estudo de Marks e Fraley (2005), com uma amostra de 8,224 estudantes universitários, onde se fizeram avaliações de outros indivíduos, conforme o número de parceiros sexuais que tiveram, não se revelou, praticamente, a presença de um Duplo Padrão Sexual. Estes autores estabeleceram um marco proeminente no início da mudança de paradigma ao erguer a questão sobre o quanto o Duplo Padrão Sexual não poderá ser uma ilusão cultural, em vez de um fenômeno, visto que, devido a inconsistências na literatura, não se pode caracterizar com precisão. Uma das possibilidades que levantaram foi a do “léxico cultural”, pois têm sido encontradas mais gírias que degradam as mulheres sexualmente ativas do que os homens, levando a concluir a existência de um Duplo Padrão Sexual. Outra possibilidade seria a dos vieses de confirmação, pela tendência social de prestar mais atenção a casos consistentes com o Duplo Padrão Sexual, nomeadamente, o uso de linguagem discriminatória com as mulheres, e ignorar casos inconsistentes, como o uso desta linguagem direcionada aos homens. Marks e Fraley (2005) alertam, assim, para a atenção extra dada a casos que corroboram o Duplo Padrão Sexual e para menosprezar os que contrariam. Num estudo de Ramos e colaboradores (2005), com uma amostra portuguesa, também se chegou a conclusões interessantes. Estes autores sugerem que a definição de Duplo Padrão Sexual poderá ser influenciada pelo modo como é apresentado – indicador. Se o indicador for o número de parceiros sexuais, a maioria das inquiridas considerava que as mulheres são julgadas mais severamente. Contudo, se o indicador for a liberdade sexual, a maioria das inquiridas considera que a diferença entre homens e mulheres é ligeira, ou que ambos têm a mesma liberdade. Na sequência do exposto, o que se pretende dizer, é que a conceptualização ou definição de Duplo Padrão Sexual influencia a perceção da sua existência e severidade. Uma possível solução pode passar por considerar a perspectiva de Mark e Miller (1986), ao apontarem que a definição do conceito de Duplo Padrão Sexual pode ser interpretada sob duas vertentes – social e pessoal. Primeiro, a nível social, os indivíduos podem apresentar divergências na perceção dos julgamentos feitos no contexto social e, segundo, a avaliação pessoal pode variar dependendo das variáveis em análise. Isto é vantajoso, porque, como demonstra a investigação na área, existe uma tendência na perceção da existência de um Duplo Padrão Sexual a nível social, mas maior aceitação e perceção de um Duplo Padrão Singular a nível pessoal (Milhausen & Herold, 2002).

Método

Delineamento

Este estudo é parte de um projeto de investigação mais amplo, de nome “Generalidad@s: Duplo padrão sexual, identidade de género e minorias sexuais”, sob a responsabilidade da Professora Doutora Isabel Leal. Aprovado pela Comissão de Ética, do Ispa – Instituto Universitário, o respetivo projeto enquadra-se na investigação das questões de género e da sua relevância para a Psicologia. Mais, os estudos na área do género são relevantes em movimentos ideológicos e políticos, com largo impacto nas políticas públicas e vida quotidiana. Este projeto faz parte de linhas de investigação sobre questões específicas das mulheres e dos homens, identidades sexuais e de género minoritárias, pelo que recaem em linhas das preocupações políticas. Neste seguimento, o objetivo deste projeto é caracterizar as atitudes da população portuguesa (e residente em Portugal) em relação aos homens e mulheres, debruçando-se sobre a igualdade de género e minorias sexuais. Assim, deve ser possível caracterizar os estereótipos de género, o duplo padrão sexual e as atitudes em relação às identidades e sexualidades minoritárias.

Este estudo de *design* não experimental está enquadrado na categoria de estudos de observação passiva ou estudos naturalistas, e foi pensado com a intenção de examinar a associação entre fatores sociodemográficos e as atitudes dos portugueses face ao género, de acordo com o Duplo Padrão Sexual e, portanto, enquadra-se na categoria de estudos empíricos correlacionais. Esta investigação surge de uma formulação aberta de questões que recaem sobre fatores sociodemográficos, averiguando quais caracterizam significativamente a população portuguesa e, por isso, orientada para a descoberta, segue uma abordagem exploratória (Elliott, 1984; Mahrer, 1988) e indutiva. Na mesma linha, devido ao carácter exploratório, é também, em grande parte, descritiva, o que requer, em simultâneo, uma questão bem delineada que restrinja a investigação ao seu objetivo (Evans et al., 2013) que, traduzido numa questão de investigação, seria: “*Quais os fatores que melhor caracterizam as atitudes da população portuguesa face ao Duplo Padrão Sexual?*”. A adicionar, entra também na categoria de estudos transversais, pois as observações são feitas num único e mesmo momento (Barker, et al., 2016). As variáveis são divididas entre – preditoras – idade, sexo, género, orientação sexual, habilitações literárias, zona de residência, profissão, situação profissional, crenças religiosas e – critério – atitudes face ao Duplo Padrão Sexual. Perceber a relação entre estas variáveis vai permitir uma compreensão sobre quais os fatores estão mais relacionados ou associados às atitudes da população portuguesa, cumprindo o objetivo desta investigação.

Participantes

Os participantes deste estudo fazem parte de uma amostra populacional de 802 sujeitos recrutados *online*, em redes sociais e recorrendo a contactos próximos, através do Instagram, Whatsapp, Facebook e *e-mail*. Por esta razão, a amostragem é não probabilística, de conveniência, com efeito bola de neve.

Caracterização da amostra

Tabela 1

Estatísticas Descritivas e Frequências

	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>Min.</i>	<i>Max.</i>
	802	100.0		
<i>Idade (M, DP)</i>	32.75	13.41	18	93
18 a 25 anos	377	47.0		
26 a 40 anos	207	25.8		
41 a 65 anos	208	25.9		
Mais de 65 anos	10	1.2		
<i>Sexo</i>				
Homem	211	26.3		
Mulher	591	73.7		
<i>Género</i>				
Masculino	211	26.3		
Feminino	584	72.8		
Outro	7	0.9		
<i>Orientação Sexual</i>				
Heterossexual	667	83.2		
Homossexual	50	6.2		
Bissexual	62	7.7		
Outro	23	2,9		
<i>Habilitações Literárias</i>				
Ensino Básico	10	1.2		
Ensino Secundário	194	24.2		
Licenciatura	408	50.9		
Mestrado	154	19.2		
Doutoramento	18	2.2		
Outro	18	2.2		

<i>Zona de Residência</i>		
Norte	28	3.5
Centro	83	10.3
Área Metropolitana de Lisboa	673	83.9
Alentejo	9	1.1
Algarve	6	0.7
Regiões Autónomas	2	0.2
Outro	1	0.1
<i>Profissão</i>		
Grande Grupo 0	5	0.6
Grande Grupo 1	53	6.6
Grande Grupo 2	260	32.4
Grande Grupo 3	43	5.4
Grande Grupo 4	54	6.7
Grande Grupo 5	37	4.6
Grande Grupo 6	1	0.1
Grande Grupo 7	7	0.9
Grande Grupo 8	17	2.1
Grande Grupo 9	2	0.2
<i>Situação Profissional</i>		
Estudante	283	35.3
Ativo(a)	462	57.6
Desempregado(a)	34	4.2
Reformado(a)	23	2.9
<i>Crenças Religiosas</i>		
Não sou religioso(a)	367	45.8
Religioso(a), não praticante	221	27.6
Cristão	158	19.7
Prefiro não responder	27	3.4
Outro	29	3.6

Procedimento

Validação da Escala

A Nova Escala de Duplo Padrão Sexual (Versão DPS Pessoal) foi validada por um dos integrantes do projeto Generalidad@s. No artigo original, de Amaro e colaboradores (2023), os

níveis de fiabilidade foram satisfatórios, tanto na escala total (alfa de Cronbach = 0.78), como nas dimensões de Relações Sexuais (alfa de Cronbach = 0.77) e Atividades Sexuais (alfa de Cronbach = 0.73). Ademais, os dados demonstraram que o modelo bidimensional (de quatro itens por fator) apresentou índices de ajuste adequados, indicando bom ajuste dos dados ($X^2/df = 2.462$, CFI = 0.948, TLI = 0.923, RMSEA = 0.073). Quando testada a aplicabilidade para uma população mais vasta e abrangente do que apenas população universitária, como foi o propósito do artigo original, este instrumento apresentou níveis de fiabilidade bastante satisfatórios em ambas as dimensões: Relações Sexuais (alfa de Cronbach = 0.874); Atividades Sexuais (alfa de Cronbach = 0.821). Foi, então, realizada uma análise fatorial confirmatória, à estrutura bidimensional do instrumento, que revelou índices de qualidade de ajustamento satisfatórios ($X^2/gf = 3.771$, NFI = 0.981, TLI = 0.976, CFI = 0.986, RMSEA = 0.059).

Construção do Questionário

Primeiramente, foi concebido o questionário, construído na plataforma *Qualtrics*, regido pelos princípios centrais comuns do consentimento informado, minimização de danos potenciais/privação de benefícios e da confidencialidade e proteção da privacidade (Korchin & Cowan, 1982). Deste modo, o consentimento informado foi destacado como a primeira informação prestada ao participante antes do início do estudo, caso a sua decisão de participar pudesse ser alterada. Assim, houve controle da decisão livre e informada, garantindo a liberdade de escolha (Barker et al., 2016). O consentimento informado continha os requerimentos mínimos (Barker et al., 2016): descrição do procedimento (questionário de preenchimento estimado para 15 minutos em que deve responder de acordo com a sua opinião e o melhor que conseguir); explicação dos riscos e benefícios (não estão previstos riscos ao participante); disponibilidade do investigador para responder a questões a qualquer momento (administração do contacto de *e-mail* do investigador responsável); declaração sobre o direito de retirar o consentimento a qualquer momento e sem quaisquer prejuízos; e um formulário para assinar em como reconhece e está ciente dos objetivos do estudo (disponível as opções “sim” para proceder, e “não” para desistência). Finalmente, antes que o participante pudesse proceder ao preenchimento do questionário, teria de confirmar a sua elegibilidade: ser residente em Portugal, falar português e ser maior de 18 anos. O questionário esteve disponível para recolha de dados entre 1 de dezembro de 2023 e 10 de abril de 2024.

De seguida, recolheu-se informação sobre os dados sociodemográficos, nomeadamente a idade, sexo, género, orientação sexual, habilitações literárias, zona de residência, profissão, situação profissional e crenças religiosas. A respeito do instrumento para

medição das atitudes, contactou-se a investigadora responsável (Helena Delgado Amaro), via *e-mail*, para obtenção da autorização face à utilização da escala. Assim, posteriormente, aplicou-se a Nova Escala de Duplo Padrão Sexual (Versão DPS Pessoal) que é um instrumento que avalia o Duplo Padrão Sexual a um nível pessoal (Amaro et al., 2023). Antes de iniciar o preenchimento do questionário é dada a seguinte orientação: “*Para cada uma das questões abaixo apresentadas marque com um X a alternativa de resposta que melhor descreve a sua opinião.*”.

Material

Questionário Sociodemográfico

Foi desenvolvido um Questionário Sociodemográfico que engloba as dimensões: idade, sexo, género, orientação sexual, habilitações literárias, zona de residência, profissão, situação profissional e crenças religiosas.

Nova Escala de Duplo Padrão Sexual

Recorreu-se à Escala de atitudes: a Nova Escala de Duplo Padrão Sexual (Versão DPS Pessoal), um instrumento que avalia o Duplo Padrão Sexual a um nível pessoal, de Amaro e colaboradores (2023). Esta escala, de autorresposta, contém um total de 8 itens, divididos por duas dimensões/subescalas, sendo estas a Relações Sexuais (itens 1 a 4) e Atividades Sexuais (itens 5 a 8), em escala Likert, de 5 pontos, de 1 (muito mais de mulheres) a 5 (muito mais de homens), aplicada à população portuguesa. Pontuações mais elevadas são indicativas de Duplo Padrão Sexual tradicional; pontuações mais baixas são indicativas de Duplo Padrão Sexual Invertido (DPS Invertido), ou seja, maior aprovação de conduta sexual de mulheres e maior penalização do comportamento e liberdade sexual de homens; e pontuações médias são indicativas de Padrão Sexual Singular (PSS), defendendo igual liberdade, aceitação e avaliação de homens e mulheres no envolvimento em comportamentos sexuais. Este avalia o endosso pessoal e reconhecimento social do Duplo Padrão Sexual ou padrões alternativos, podendo ser adaptado para medir perceções sobre a existência social do Duplo Padrão Sexual e pode ser aplicado individualmente ou em grupo, em ambiente clínico ou educacional. Exemplos de questões são: “*De quem aceita mais facilmente o envolvimento em relacionamentos ocasionais frequentes?*” (Dimensão Relações Sexuais, item 1) e “*De quem aceita mais facilmente assumir que gosta muito de sexo?*” (Dimensão Atividades Sexuais, item 5) (Anexo A). O instrumento em questão demonstra níveis de fiabilidade bastante satisfatórios em ambas as dimensões: Relações Sexuais (alfa de Cronbach = 0.874); Atividades Sexuais (alfa de Cronbach = 0.821).

Análise de dados

Para a análise estatística dos dados, utilizou-se o software IBM SPSS 29.0.0, com dados obtidos através da plataforma *Qualtrics*, onde foi disponibilizado o questionário.

Inicialmente, as variáveis em estudo foram processadas. A variável "Duplo Padrão Sexual" foi dividida em duas dimensões: "Relações Sexuais" e "Atividades Sexuais". No que diz respeito às variáveis sociodemográficas, seis foram mantidas nas suas categorias originais (sexo, género, orientação sexual, habilitações literárias, situação profissional e crenças religiosas). No entanto, três variáveis foram transformadas em novas categorias: idade, zona de residência e profissão. A variável "idade" foi reclassificada em grupos etários específicos, conforme as Fases do Desenvolvimento Humano e, simultaneamente, foi reclassificada de intervalar para ordinal; a variável "zona de residência" foi ajustada para refletir as divisões territoriais de acordo com a NUTS II (Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos); e a variável "profissão" foi transformada de formato *string* para categorias que refletem níveis de qualificação, tarefas e responsabilidades, utilizando a CIUO (Classificação Internacional Uniforme de Ocupações), sendo classificada como ordinal.

Em seguida, procedeu-se à análise descritiva, incluindo estatísticas descritivas e frequências, para caracterizar a amostra em termos de todas as variáveis sociodemográficas (Média, Desvio Padrão, Mínimo, Máximo). Na análise exploratória, foi realizada uma análise da distribuição da variável da escala de atitudes, dada a sua natureza contínua, aplicando-se o teste de aderência de Kolmogorov-Smirnov, devido à amostra ser superior a 50. Em razão de inadequação em testar a normalidade em variáveis categóricas, foram analisadas as distribuições de frequências dessas variáveis. Após verificar a não normalidade dos dados, utilizou-se a correlação de Spearman para a variável contínua (escala de atitudes) e para as variáveis categóricas ordinais (idade, profissão e habilitações literárias), uma vez que esta correlação é mais robusta quando as variáveis não seguem uma distribuição normal.

Para testar as correlações entre a variável contínua e as variáveis nominais, foram aplicados o teste de Mann-Whitney U para duas amostras independentes (sexo) e o teste Kruskal-Wallis H para k amostras independentes (idade, género, orientação sexual, habilitações literárias, zona de residência, profissão, situação profissional e crenças religiosas). Posteriormente, explorou-se a versão paramétrica através do teste t para duas amostras independentes (sexo) e da análise de variância (ANOVA) de um fator (idade, género, orientação sexual, habilitações literárias, zona de residência, profissão, situação profissional e crenças

religiosas). Em ambas as análises, não-paramétrica e paramétrica, utilizou-se um nível de significância de 0,05.

No que respeita ao teste de homogeneidade das variâncias, quando a significância foi superior a 0.05, aplicou-se o teste post-hoc Bonferroni; quando a significância foi igual ou inferior a 0.05, aplicaram-se os testes post-hoc de Welch e Dunnett's T3. Nos casos em que não foi possível obter todos os valores no teste de Welch, devido à existência de grupos com um número insuficiente de casos para calcular a variância, procedeu-se à exclusão desses grupos (i.e., muito pequenos e não representativos). Dado que algumas amostras eram pequenas e as variâncias não eram homogêneas, considerou-se a análise não-paramétrica como a mais robusta, uma vez que não assume a normalidade ou homogeneidade das variâncias. Com base no exposto, a análise não-paramétrica foi eleita como o método principal, enquanto a análise paramétrica foi utilizada como método de comparação, suporte e verificação adicional.

Resultados

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos a partir das análises estatísticas realizadas para explorar as associações entre as atitudes face ao Duplo Padrão Sexual (DPS) e as variáveis sociodemográficas. O objetivo é identificar padrões significativos na população estudada.

Estatísticas Descritivas e Frequências

As estatísticas descritivas e frequências foram calculadas para caracterizar a amostra em termos das variáveis sociodemográficas. A média de idades dos participantes foi de 32.75 anos ($DP = 13.41$), com idades variando de 18 a 93 anos. A maior parte dos participantes (47.0%) estava na faixa etária dos 18 aos 25 anos. A amostra foi predominantemente feminina (72.8%), com 73.7% identificando-se como mulheres. Em relação à orientação sexual, 83.2% dos participantes eram heterossexuais. A maioria dos participantes (50.9%) possuía licenciatura, e 83.9% residiam na Área Metropolitana de Lisboa. Relativamente ao grupo profissional, a maior parte enquadra-se no Grande Grupo 2 (32.4%) e, no que concerne à situação profissional, 57.6% estavam empregados. Em aspeto de crenças religiosas, 45.8% declararam não possuir afiliação (Tabela 1).

Análise de Normalidade

A normalidade da variável contínua "atitudes face ao Duplo Padrão Sexual" foi testada utilizando o teste de aderência de Kolmogorov-Smirnov, considerando a amostra maior que 50. Os resultados indicaram que a distribuição da variável não é normal, tanto na escala total do

DPS ($KS_{(802)} = 0.252$; $p < 0.001$), quanto nas dimensões de Relações Sexuais ($KS_{(802)} = 0.296$; $p < 0.001$) e Atividades Sexuais ($KS_{(802)} = 0.268$; $p < 0.001$) (Tabela 2).

Correlação de Spearman

Dada a não normalidade das distribuições, a correlação de Spearman foi utilizada para analisar a relação entre a variável contínua (DPS) e variáveis sociodemográficas categóricas ordinais, como idade, profissão e habilitações literárias.

Idade: Não foram encontradas correlações significativas entre a idade e as atitudes face ao DPS na escala total ($\rho_{(802)} = -0.048$; $p = 0.175$), nem nas dimensões de Relações Sexuais ($\rho_{(802)} = -0.044$; $p = 0.217$) e Atividades Sexuais ($\rho_{(802)} = -0.053$; $p = 0.134$) (Tabela 3).

Profissão: Não foram encontradas correlações significativas entre a profissão e as atitudes face ao DPS na escala total ($\rho_{(479)} = -0.060$; $p = 0.187$), nem nas dimensões de Relações Sexuais ($\rho_{(479)} = -0.066$; $p = 0.151$) e Atividades Sexuais ($\rho_{(479)} = -0.014$; $p = 0.767$) (Tabela 4).

Habilitações Literárias: Não foram encontradas correlações significativas entre as habilitações literárias e as atitudes face ao DPS na escala total ($\rho_{(802)} = -0.066$; $p = 0.060$), nem nas dimensões de Relações Sexuais ($\rho_{(802)} = -0.047$; $p = 0.184$) e Atividades Sexuais ($\rho_{(802)} = -0.061$; $p = 0.084$) (Tabela 5).

Testes Não-Paramétricos

Foram realizados testes não-paramétricos para avaliar as diferenças entre grupos categóricos. O teste de Mann-Whitney U foi aplicado para variáveis com duas categorias (sexo), enquanto o teste de Kruskal-Wallis H foi utilizado para variáveis com mais de duas categorias (idade, género, orientação sexual, habilitações literárias, zona de residência, profissão, situação profissional e crenças religiosas).

Sexo: Os resultados mostraram diferenças significativas nas atitudes face ao DPS entre homens e mulheres na escala total (*Mann-Whitney U* = 52710.000; $Z = -3.461$; $p < 0.001$), bem como nas dimensões de Relações Sexuais (*Mann-Whitney U* = 51562.500; $Z = -4.086$; $p < 0.001$) e Atividades Sexuais (*Mann-Whitney U* = 54391.000; $Z = -2.960$; $p = 0.003$) (Tabela 7). As mulheres apresentaram médias de ordenações mais elevadas em todas as dimensões (Tabela 6).

Género: Diferenças significativas também foram encontradas entre grupos de género na escala total (*Kruskal-Wallis* $H_{(2)} = 13.588$; $p < 0.001$), na dimensão de Relações Sexuais (*Kruskal-Wallis* $H_{(2)} = 17.811$; $p < 0.001$) e na dimensão de Atividades Sexuais (*Kruskal-Wallis* $H_{(2)} = 9.766$; $p = 0.008$) (Tabela 11). Indivíduos que não se identificam com a representação binária de género apresentaram as menores médias de ordenações na dimensão de Atividades Sexuais (Tabela 10).

Habilitações Literárias: Houve diferenças significativas na dimensão de Relações Sexuais (*Kruskal-Wallis* $H_{(5)} = 12.739$; $p = 0.026$), mas não na escala total (*Kruskal-Wallis* $H_{(5)} = 10.973$; $p = 0.052$), nem na dimensão de Atividades Sexuais (*Kruskal-Wallis* $H_{(5)} = 8.575$; $p = 0.127$) (Tabela 15). As médias de ordenações mais elevadas na dimensão de Relações Sexuais foram observadas entre aqueles com ensino básico (Tabela 14).

Crenças Religiosas: As crenças religiosas influenciaram significativamente as atitudes face ao DPS, tanto na escala total (*Kruskal-Wallis* $H_{(4)} = 14.387$; $p = 0.006$) quanto nas dimensões de Relações Sexuais (*Kruskal-Wallis* $H_{(4)} = 9.533$; $p = 0.049$) e Atividades Sexuais (*Kruskal-Wallis* $H_{(4)} = 10.463$; $p = 0.033$) (Tabela 23). Cristãos apresentaram as maiores médias de ordenações na escala total e na dimensão de Atividades Sexuais (Tabela 22).

Interpretação dos Resultados

Os resultados sugerem que o sexo, o género, as habilitações literárias e as crenças religiosas são fatores significativos na formação das atitudes face ao Duplo Padrão Sexual entre a população portuguesa. Em contrapartida, variáveis como idade, orientação sexual, zona de residência, profissão e situação profissional não demonstraram uma influência significativa. Esses achados destacam a persistência de normas tradicionais de género em alguns segmentos da população, enquanto outros grupos apresentam uma visão mais igualitária em relação à sexualidade.

Discussão

Os resultados deste estudo fornecem *insights* importantes sobre as atitudes dos portugueses face ao Duplo Padrão Sexual, destacando tanto a persistência de normas tradicionais de género quanto a emergência de padrões mais igualitários em alguns segmentos da população.

Influência do Sexo e do Género nas Atitudes Face ao Duplo Padrão Sexual

Os resultados indicam que o sexo influencia, significativamente, as atitudes face ao Duplo Padrão Sexual. Os dados revelam que as mulheres apresentaram médias de ordenações mais elevadas, sugerindo um maior apoio ao Duplo Padrão Sexual tradicional em comparação com os homens. Este achado contraria a tendência moderna, e observada em outros estudos, onde as mulheres geralmente demonstram maior rejeição deste fenómeno (por exemplo, Sánchez-Fuentes et al., 2020; e estudos citados por Almeida, 2022) que tem vindo a desaparecer e a inverter-se, favorecendo a igualdade sexual e reduzindo, progressivamente, atitudes que apoiam duplos padrões tradicionais (Petersen & Hyde, 2011). Tal fenómeno social pode indicar uma particularidade na amostra estudada ou refletir a complexidade das dinâmicas culturais e sociais em Portugal que contrariam atitudes e comportamentos femininos – “defend their rights, feelings of greater freedom, autonomy and the visibility of feelings of support, so as not to be afraid of being a woman” (Sánchez-Fuentes et al., 2020, pp. 8). Pode ser que, em determinados contextos, as mulheres internalizem e aceitem mais fortemente as normas tradicionais de género, possivelmente como uma estratégia adaptativa ou devido a pressões sociais específicas. Este resultado destaca a necessidade de uma análise mais aprofundada das nuances das atitudes de género, em diferentes contextos culturais e demográficos.

Além disso, a respeito do género, indivíduos que não se identificam com a representação binária apresentam atitudes mais igualitárias, particularmente, na dimensão de Atividades Sexuais. Como refere Monro (2019) (indicando Bradford et al., 2018, 2019; Davy, 2018; Yeadon-Lee, 2016), as identidades *genderqueer* não se enquadram em identificações binárias e podem adotar tanto posições que desafiam as instituições tradicionais de género, como as normas sociais que sustentam essas categorias, numa perspetiva baseada no princípio de que “Gender fluidity recognizes no borders or rules of gender.” (Bornstein, 1994, pp. 52). O achado deste estudo sugere que identidades de género não-binárias podem estar associadas a uma rejeição mais pronunciada das normas tradicionais de género, alinhando-se com a literatura que destaca a maior flexibilidade e aceitação das diversidades sexuais e de género em populações não-binárias, desconstruindo a feminilidade e a masculinidade, ao distanciarem-se de categorias, papéis e expressões convencionais (McGuire et al., 2016).

Impacto das Habilitações Literárias

A influência das habilitações literárias foi significativa, mas limitada à dimensão de Relações Sexuais. Participantes com menor nível de educação, especialmente aqueles com

ensino básico, mostraram uma maior adesão ao Duplo Padrão Sexual tradicional, tendo sido demonstrado que níveis de educação mais elevados evidenciam opiniões mais igualitárias (Seguino, 2011). Este padrão pode refletir a persistência de valores culturais mais tradicionais em populações com menor acesso à educação, que podem estar possivelmente menos expostas a discursos igualitários e a movimentos sociais que promovem a igualdade de género. Isto pode ser justificado noutra perspetiva, visto que indivíduos com maior nível educacional se apresentam mais conscientes e críticos perante a perceção e reconhecimento da existência do Duplo Padrão Sexual, defrontando-se com discussões e reflexões sobre normas sociais e igualdade de género (Gómez-Berrocal et al., 2019). Gómez-Berrocal e colaboradores (2019), aludindo a Sierra e colaboradores (2012, 2018), referem que maiores níveis educacionais têm sido negativamente associados ao endosso pessoal do Duplo Padrão Sexual, o que se traduz numa maior sensibilidade ao desnivelamento de papéis sociais e ao não apoio deste fenómeno.

Crenças Religiosas e o Duplo Padrão Sexual

As crenças religiosas mostraram-se um fator importante na formação das atitudes face ao Duplo Padrão Sexual. Cristãos, em particular, demonstraram maior adesão ao Duplo Padrão Sexual, o que é coerente com a literatura que associa maior religiosidade a atitudes mais conservadoras, em relação à sexualidade e aos papéis de género. O anteriormente referido tem sido corroborado através da presença de uma correlação negativa entre a religiosidade (i.e., intensidade da crença religiosa e frequência da participação religiosa) e as atitudes e resultados sociais relacionados ao género (e.g., equidade, direitos), fomentando ideologia de género, normas e estereótipos (Seguino, 2011). Por outras palavras, como refere Gaunt (2012), citando, por exemplo, Schwartz e Huisman (1995), sabe-se que, em particular, os Cristãos demonstram maiores níveis de valores de conformidade e tradição, nomeadamente através da manutenção de atitudes tradicionais em relação ao género. Conforme o exposto, os achados do presente estudo sugerem que a religião continua a desempenhar um papel relevante na perpetuação de normas tradicionais de género em Portugal, apesar das mudanças culturais e sociais, em direção à maior igualdade de género. Este debruçar sobre o papel da religião, no moldar de normas tradicionais culturais, permite quebrar padrões de misoginia que denigrem e suprimem as mulheres, reforçados por visões patriarcais, normas que firmam atitudes sexistas (Ruether, 1974) e atitudes menos justas por parte dos homens (Seguino, 2011). Com isto, tem sido provado que a religião impacta as atitudes face ao género de modo desigual, investindo consistentemente menos no bem-estar feminino, comparativamente ao masculino (Seguino, 2011).

Fatores Sem Influência Significativa

Surpreendentemente, variáveis como idade, orientação sexual, zona de residência, profissão e situação profissional não mostraram uma influência significativa sobre as atitudes face ao Duplo Padrão Sexual. A ausência de correlações significativas pode indicar que, embora essas variáveis sejam frequentemente associadas a variações nas atitudes de gênero em outros contextos, no caso da população portuguesa, elas podem não ser tão determinantes. Este achado desafia algumas expectativas e sugere a necessidade de investigações futuras para explorar outros possíveis moderadores ou mediadores que possam estar em jogo (Milhausen & Herold, 1999; Endendijk et al., 2020).

Limitações do Estudo

Este estudo possui algumas limitações que devem ser reconhecidas. Primeiramente, a amostra foi recrutada através de métodos de conveniência e redes sociais, o que pode introduzir vieses de amostragem. Além disso, o estudo é transversal, limitando a capacidade de inferir causalidade entre as variáveis analisadas. Por fim, a medida de Duplo Padrão Sexual utilizada avalia apenas atitudes explícitas, não considerando possíveis atitudes implícitas que podem também influenciar o comportamento.

Implicações e Sugestões para Pesquisas Futuras

Os resultados deste estudo têm implicações importantes para intervenções e políticas voltadas para a promoção da igualdade de gênero em Portugal. Programas educativos que abordem o Duplo Padrão Sexual e as suas consequências negativas, especialmente em contextos de baixa escolaridade e entre populações religiosas, podem ser eficazes na promoção de atitudes mais igualitárias.

Para pesquisas futuras, seria valioso investigar os fatores que não mostraram influência significativa neste estudo com maior profundidade, possivelmente através de estudos longitudinais ou qualitativos que possam captar as nuances das atitudes face ao Duplo Padrão Sexual em diferentes contextos. Além disso, explorar as atitudes implícitas em relação ao Duplo Padrão Sexual pode oferecer uma compreensão mais abrangente de como essas normas são internalizadas e manifestadas em comportamentos.

Conclusão

Este estudo contribuiu para uma compreensão mais aprofundada das atitudes dos portugueses face ao Duplo Padrão Sexual, revelando que fatores como sexo, gênero,

habilitações literárias e crenças religiosas desempenham papéis significativos na formação dessas atitudes. Em particular, constatou-se que indivíduos com identidades de género não-binárias tendem a rejeitar mais fortemente o Duplo Padrão Sexual, enquanto mulheres, pessoas com menor nível educacional e maiores afiliações religiosas demonstram uma maior adesão a essas normas tradicionais de género.

No entanto, o estudo também destacou que variáveis como idade, orientação sexual, zona de residência, profissão e situação profissional não apresentaram uma influência significativa sobre as atitudes face ao Duplo Padrão Sexual. Estes resultados sugerem que, embora o Duplo Padrão Sexual continue presente em segmentos específicos da população portuguesa, ele não é uniformemente distribuído entre todos os grupos sociais, indicando uma complexidade maior nas dinâmicas de género e sexualidade.

As descobertas deste estudo têm importantes implicações para políticas públicas e programas educativos voltados para a promoção da igualdade de género em Portugal. Estratégias que visem a educação e sensibilização sobre o Duplo Padrão Sexual, especialmente entre populações com menor nível de escolaridade e maior religiosidade, podem ser fundamentais para combater as desigualdades de género persistentes.

Por fim, embora este estudo tenha fornecido *insights* valiosos, também apresenta limitações, como o potencial viés de amostragem e a natureza transversal da pesquisa, que restringem conclusões sobre causalidade. Para aprofundar a compreensão dessas questões, futuras investigações poderiam adotar abordagens longitudinais ou qualitativas, bem como explorar as atitudes implícitas em relação ao Duplo Padrão Sexual, que podem complementar os resultados aqui apresentados.

Em resumo, este estudo identifica os fatores que influenciam as atitudes face ao Duplo Padrão Sexual em Portugal, e aponta para a necessidade de intervenções direcionadas que promovam uma visão mais igualitária da sexualidade e dos papéis de género, contribuindo para a construção de uma sociedade menos estigmatizante e mais inclusiva.

Referências

- Alferes, V. (1997). *Encenações e Comportamentos Sexuais: Para uma Psicologia Social da Sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Almeida, R. (2022). *A Representação e Desconstrução do Duplo Padrão Sexual*. [Tese de doutoramento]. ISPA – Instituto Universitário.
- Almeida, R., Carvalheira, A., & Costa, P. A. (2020). A adesão ao duplo padrão sexual em jovens adultos em função do género e da orientação sexual. In *13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde – Actas* (pp. 3-12). Edições ISPA.
- Alvarez, M. J., Pegado, A., Luz, R., & Amaro, H. (2023). Still striving after all these years: Between normality of conduct and normativity of evaluation in casual relationships among college students. *Current Psychology*, 42(13), 10645-10655.
- Alves, M. P., Amâncio, L., & Alferes, V. (2008). Género e representações sociais: Duplo-padrão sexual em função da religião e da posição política. *Psicologia*, (2), 139-160.
- Alves, M. P., Amâncio, L., & Alferes, V. R. (2008). Género e representações sociais: Duplo-padrão sexual em função da religião e da posição política. *Psicologia*, 22, 139-160.
- Amâncio, L. (1998). *Masculino e Feminino: A Construção Social da Diferença* (2.^a ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Amaro, H. D. (2023). *Contornos atuais do Duplo Padrão Sexual em estudantes universitários Portugueses e suas consequências para a proteção e satisfação sexuais* [Tese de doutoramento]. Universidade de Coimbra.
- Amaro, H. D., Alvarez, M. J., & Ferreira, J. A. (2022). Sexual gender roles and stereotypes and the sexual double standard in sexual satisfaction among Portuguese college students: An exploratory study. *Psychology & Sexuality*, 13(5), 1350-1365.
- Amaro, H. D., Alvarez, M. J., Ferreira, J. A., & Pereira, C. R. (2023). Development and evidence of validity of the new sexual double standard scale. *Current Psychology*, 1-17.
- Badinter, E. (1986). *Um é o Outro*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ, 1986(23-28).
- Bandura, A., & Walters, R. H. (1963). *Social learning and personality development*. New York: Holt Rinehart and Winston.
- Barker, C., Pistrang, N., Elliott, R. (2016). *Research methods in clinical psychology: An introduction for students and practitioners* (3rd ed.). John Wiley & Sons.
- Basow, S. A., & Rubin, L. R. (1999). Gender influences on adolescent development. In N. G. Johnson, M. C. Roberts, & J. Worell (Eds.), *Beyond appearance: A new look at adolescent girls* (pp. 25–52). American Psychological Association.
- Baumeister, R. F., & Twenge, J. M. (2002). Cultural suppression of female sexuality. *Review of General Psychology*, 6(2), 166–203.
- Beauvoir, S. (1975). *O Segundo Sexo: Os Factos e os Mitos*. Amadora: Livraria Bertrand.
- Bettelheim, B. (1989). *Sobrevivência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blakmore, J. E., Berenbaum, S. A., & Liben, L. S. (2009). *Gender development*. New York: Taylor & Francis.
- Bohner, G., & Dickel, N. (2011). Attitudes and Attitude Change (Vol. 62, pp. 391-417). *Palo Alto: Annual Reviews*.
- Bornstein K. (1994). *Gender Outlaw: On men, women and the rest of us*. New York, NY: Routledge.
- Bradford N. J., Rider N., Catalpa J. M., Morrow Q. J., Berg D. R., Spencer K. G., & McGuire J. K (2019). Creating gender: A thematic analysis of genderqueer narratives. *International Journal of Transgenderism*, 20(2-3), 155-168.
- Bradford N. J., Rider N., Catalpa J. M., Morrow Q. J., Berg D. R., Spencer K. G., & McGuire J. K (2018). Creating gender: A thematic analysis of genderqueer narratives. *International Journal of Transgenderism*, 1.
- Brickell, C. (2006). The sociological construction of gender and sexuality. *The Sociological Review*, 54, 87–113.

- Buss, D. M. (1994). The strategies of human mating. *American Scientist*, 82, 238–249.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 100, 204–232.
- Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review*, 106, 676–713.
- Carli, L. L., LaFleur, S. J., & Loeber, C. C. (1995). Nonverbal behavior, gender, and influence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 1030–1041.
- Costrich, N., Feinstein, J., Kidder, L., Marecek, J., & Pascale, L. (1975). When stereotypes hurt: Three studies of penalties for sex-role reversals. *Journal of Experimental Social Psychology*, 11, 520–530.
- Crawford, M., & Popp, D. (2003). Sexual double standards: A review and methodological critique of two decades of research. *Journal of Sex Research*, 40(1), 13-26.
- Cross, C. P., Cyrenne, D. L. M., & Brown, G. R. (2013). Sex differences in sensation-seeking: A meta-analysis. *Scientific Reports*, 3, 2486.
- Davy, Z. (2018). Genderqueer(ing): ‘On this side of the world against which it protests’. *Sexualities*, 22(1-2), 80-96.
- DeLamater, J., & Friedrich, W. N. (2002). Human sexual development. *The Journal of Sex Research*, 39, 10–14.
- Duby, G. (1998). A Mulher, o Amor e o Cavaleiro. In G. Duby (Ed.), *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Lisboa: Terramar.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (2007). The advantages of an inclusive definition of attitude. *Social cognition*, 25(5), 582-602.
- Eagly, A. H., & Wood, W. (1999). The origins of sex differences in human behavior: Evolved dispositions versus social roles. *American Psychologist*, 54(6), 408–423.
- Eagly, A. H., Wood, W., & Johannesen-Schmidt, M. C. (2004). Social role theory of sex differences and similarities. In A. H. Eagly, A. E. Beall, & R. J. Sternberg (Eds.), *The psychology of gender* (pp. 265–269). New York: The Guildford Press.

- Earle, J. R., Perricone, P. J., Davidson, J. K., Moore, N. B., Harris, C. T., & Cotten, S. R. (2007). Premarital sexual attitudes and behavior at a religiously-affiliated university: Two decades of change. *Sexuality and Culture, 11*, 39-61.
- Elliott, R. (1984). A discovery-oriented approach to significant change events in psychotherapy: Interpersonal Process Recall and Comprehensive Process Analysis. In L. N. Rice & L. S. Greenberg (Eds.), *Patterns of change: Intensive analysis of psychotherapy process* (pp. 249–286). New York: Guilford.
- Endendijk, J. J., van Baar, A. L., & Deković, M. (2020). He is a stud, she is a slut! A meta-analysis on the continued existence of sexual double standards. *Personality and Social Psychology Review, 24*(2), 163-190.
- Evans, R., Pistrang, N., & Billings, J. (2013). Police officers' experiences of supportive and unsupportive social interactions following traumatic incidents. *European Journal of Psychotraumatology, 4*, 19696.
- Gagnon, J. (1977). *Human Sexualities*. USA: Scott, Foresman and Company.
- Gaunt, R. (2012). “Blessed is he who has not made me a woman”: Ambivalent sexism and Jewish religiosity. *Sex Roles, 67*(7-8), 477– 487.
- Gentry, M., & College, H. (1998). The Sexual Double Standard: The Influence of Number of Relationship and Level of Sexual Activity on Judgements of Women and Men. *Psychology of Women Quarterly, 22*, 505-511.
- Gómez-Berrocal, M. D. C., Vallejo-Medina, P., Moyano, N., & Sierra, J. C. (2019). Sexual Double Standard: A psychometric study from a macropsychological perspective among the Spanish heterosexual population. *Frontiers in Psychology, 10*, 1869.
- Greenwald A. G., Banaji M. R., Rudman L. A., Farnham S. D., Nosek B. A., & Mellott D. S. (2002). A unified theory of implicit attitudes, stereotypes, self-esteem, and self-concept. *Psychological Review, 109*(1), 3–25.
- Heer, D. M., & Grossbard-Shechtman, A. (1981). The impact of the female marriage squeeze and the contraceptive revolution on sex roles and the women's liberation movement in the United States, 1960 to 1975. *Journal of Marriage and the Family, 43*, 49-65.

- Herold, E., & Mewhinney, D. (1993). Gender Differences in Casual Sex and AIDS Prevention: A Survey of Dating Bars. *Journal of Sex Research, 30*(1), 36-42.
- Hill, J. P., & Lynch, M. E. (1983). The intensification of gender-related role expectations during early adolescence. In J. Brooks-Gunn & A. C. Peterson (Eds.), *Girls at puberty* (pp. 201–228). Plenum Press.
- Hogben, M., & Byrne, D. (1998). Using social learning theory to explain individual differences in human sexuality. *Journal of Sex Research, 35*, 58–71.
- Howard, J. A., & Hollander, J. A. (1997). *Gendered situations, gendered selves: A gender lens on social psychology*. London: SAGE.
- Hyde, J. S., & DeLamater, J. (1997). *Understanding human sexuality* (6th ed.). McGraw-Hill.
- Inglehart, R., & Norris, P. (2003). The true clash of civilizations. *Foreign Policy, 135*, 62-70.
- Kohlberg, L. (1966). A cognitive-development analysis of children's sex-role concepts and attitudes. *The development of sex defference*.
- Korchin, S. J., & Cowan, P. (1982). Ethical perspectives in clinical research. In P. C. Kendall & J. N. Butcher (Eds.), *Handbook of research methods in clinical psychology* (pp. 59–94). New York: Wiley.
- Kreager, D. A., Staff, J., Gauthier, R., Lefkowitz, E. S., & Feinberg, M. E. (2016). The double standard at sexual debut: Gender, sexual behavior and adolescent peer acceptance. *Sex Roles, 75*, 377–392.
- Lippa, R. A. (2009). Sex differences in sex drive, sociosexuality, and height across 53 nations: Testing evolutionary and social structural theories. *Archives of Sexual Behavior, 38*, 631–651.
- Mahrer, A. R. (1988). Discovery-oriented psychotherapy research: Rationale, aims, and methods. *American Psychologist, 43*, 694–702.
- Mann, C. J. (2003). Observational research methods. Research design II: Cohort, cross sectional, and case-control studies. *Emergency Medicine Journal, 20*(1), 54-60.

- Marecek, J., Crawford, M., & Popp, D. (2004). On the construction of gender, sex and sexualities. In A. H. Eagly, A. E. Bell, & R. J. Sternberg (Eds.), *The Psychology of gender* (pp. 192–216). New York: The Guilford Press.
- Mark, M. M., & Miller, M. L. (1986). The Effects of Sexual Permissiveness, Target Gender, Subject Gender, and Attitudes Toward Women on Social Perception: In Search of Double Standard. *Sex Roles, 15*(5/6), 311-322.
- Marks, M. J., & Fraley, R. C. (2005). The sexual double standard: Fact or fiction?. *Sex Roles, 52*, 175–186.
- McGuire, J. K., Doty, J. L., Catalpa, J. M., & Ola, C. (2016). Body image in transgender young people: Findings from a qualitative, community based study. *Body Image, 18*, 96-107.
- Milhausen, R. R., & Herold, E. S. (1999). Does the sexual double standard still exist? Perceptions of university women. *Journal of Sex Research, 36*(4), 361-368.
- Milhausen, R. R., & Herold, E. S. (2002). Reconceptualizing the sexual double standard. *Journal of Psychology and Human Sexuality, 13*(2), 63–83.
- Mischel, W. (1966). A social-learning view of sex differences in behavior. In E. E. Maccoby (Ed.), *The development of sex differences* (pp. 56– 81). Redwood City, CA: Stanford University Press.
- Monro, S. (2019). Non-binary and genderqueer: An overview of the field. *International Journal of Transgenderism, 20*(2-3), 126-131.
- Moss-Racusin, C. A., Phelan, J. E., & Rudman, L. A. (2010). When men break the gender rules: Status incongruity and backlash against modest men. *Psychology of Men & Masculinity, 11*, 140–151.
- Pacheco, J. (1998). *O Tempo e o Sexo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Peplau, L. A., Rubin, Z., & Hill, C. T. (1977). Sexual intimacy in dating relationships. *Journal of Social Issues, 33*, 86-109.
- Petersen, J. L., & Hyde, J. S. (2010). A meta-analytic review of research on gender differences in sexuality, 1993–2007. *Psychological Bulletin, 136*(1), 21-38.

- Petersen, J. L., & Hyde, J. S. (2011). Gender differences in sexual attitudes and behaviors: A review of meta-analytic results and large datasets. *Journal of Sex Research, 48*(2-3), 149-165.
- Ramos, V., Carvalho, C. C., & Leal, I. P. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica, 23*(2), 173-185.
- Reiss, I. L. (1956). The double standard in premarital sexual intercourse: A neglected concept. *Social Forces, 34*, 224-230.
- Reiss, I. L. (1960). *Premarital sexual standards in America*. New York: The Free Press.
- Reiss, I. L. (1964). The scaling of premarital sexual permissiveness. *Journal of Marriage and the Family, 26*, 188-198.
- Reiss, I. L. (1967). *The social context of premarital sexual permissiveness*. New York: Holt, Rinehart, and Winston.
- Richardson, D. (1997). Sexuality and Feminism. In V. Robinson, & D. Richardson (Eds.), *Women's Studies* (2nd ed.). New York: Macmillian.
- Rudman, L. A. (1998). Self-promotion as a risk factor for women: The costs and benefits of counterstereotypical impression management. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*(3), 629-645.
- Rudman, L. A., Fetterolf, J. C., & Sanchez, D. T. (2013). What motivates the sexual double standard? More support for male versus female control theory. *Personality and Social Psychology Bulletin, 39*, 250–263.
- Ruether, R. R. (1974). *Religion and sexism: Images of women in the Jewish and Christian tradition*. New York: Simon and Schuster.
- Sánchez-Fuentes, M. D. M., Moyano, N., Gómez-Berrocal, C., & Sierra, J. C. (2020). Invariance of the Sexual Double Standard Scale: A cross-cultural study. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 17*(5), 1569.

- Schmitt, D. P. (2015). The evolution of culturally-variable sex differences: Men and women are not always different, but when they are . . . it appears not to result from patriarchy or sex role socialization. In V. A. Weekes-Shackelford & T. K. Shackelford (Eds.), *The evolution of sexuality* (pp. 221–256). Springer.
- Schwartz, S. H., & Huismans, S. (1995). Value priorities and religiosity in four western religions. *Social Psychology Quarterly*, *58*, 88–107.
- Seguino, S. (2011). Help or hindrance? Religion's impact on gender inequality in attitudes and outcomes. *World Development*, *39*(8), 1308-1321.
- Sierra, J. C., Costa, N., & Monge, F. S. (2012). “Actitudes sexuales machistas en mujeres: análisis transcultural entre Brasil y Perú”. In *Poster Presented in XVI Congreso Latinoamericano de Sexología y Educación Sexual. Medellín, Colombia*.
- Sierra, J. C., Moyano, N., Vallejo-Medina, P., & Gómez-Berrocal, C. (2018). An abridged Spanish version of Sexual Double Standard Scale: Factorial structure, reliability and validity evidence. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, *18*(1), 69-80.
- Simon, W., & Gagnon, J. (1986). Sexual Scripts: Permanence and Change. *Archives Sexual Behavior*, *15*, 97-119.
- Sprecher, S., McKinney, K., & Orbuch, T. L. (1991). The Effect of Current Sexual Behavior on Friendship, Dating, and Marriage Desirability. *The Journal of Sex Research*, *28*(3), 387-408.
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (Ed.), *Sexual selection and the descent of man, 1871– 1971* (pp. 136–179). Aldine.
- United Nations Development Program. (2017). *Human development report 2016*. http://hdr.undp.org/sites/default/files/2016_human_development_report.pdf
- Wesson, C. (2022). A Mixed-methods Exploration of Young Adults' Views of the Sexual Double Standard. *Sexuality & Culture*, *26*(4), 1314-1325.
- Wood, W., & Eagly, A. H. (2002). A cross-cultural analysis of the behavior of women and men: Implications for the origins of sex differences. *Psychological Bulletin*, *128*, 699–727.

- Wood, W., & Eagly, A. H. (2012). Biosocial construction of sex differences and similarities in behavior. *Advances in Experimental Social Psychology*, 46, 55-123.
- World Economic Forum. (2017). *Global gender gap report 2017*. http://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2017.pdf
- Yeadon-Lee T. (2016). What's the story?: Exploring online narratives of non-binary gender identities. *The International Journal of Interdisciplinary Social and Community Studies*, 11(2), 19–34.
- Zaikman, Y., & Marks, M. J. (2017). Promoting theory-based perspectives in sexual double standard research. *Sex Roles*, 76, 407–420.

ANEXOS

Anexo A. Material

Nova Escala de Duplo Padrão Sexual (Versão DPS Pessoal), Amaro, Alvarez, Ferreira & Pereira (2023).

Para cada uma das questões abaixo apresentadas marque com um X a alternativa de resposta que melhor descreve a sua opinião.

1. De quem aceita mais facilmente o envolvimento em relacionamentos ocasionais frequentes?				
Muito mais de mulheres	De mulheres	Igualmente de homens e mulheres	De homens	Muito mais de homens
_____	_____	_____	_____	_____
2. De quem aceita mais facilmente o envolvimento com múltipl@s parceir@s?				
Muito mais de mulheres	De mulheres	Igualmente de homens e mulheres	De homens	Muito mais de homens
_____	_____	_____	_____	_____
3. De quem aceita mais facilmente o envolvimento com diferentes parceir@s sexuais ao mesmo tempo?				
Muito mais de mulheres	De mulheres	Igualmente de homens e mulheres	De homens	Muito mais de homens
_____	_____	_____	_____	_____
4. De quem aceita mais facilmente o envolvimento sexual com alguém a quem não se está afetivamente ligad@?				
Muito mais de mulheres	De mulheres	Igualmente de homens e mulheres	De homens	Muito mais de homens
_____	_____	_____	_____	_____

5. De quem aceita mais facilmente assumir que gosta muito de sexo?

Muito mais de mulheres	De mulheres	Igualmente de homens e mulheres	De homens	Muito mais de homens
_____	_____	_____	_____	_____

6. De quem aceita mais facilmente o uso de material pornográfico?

Muito mais de mulheres	De mulheres	Igualmente de homens e mulheres	De homens	Muito mais de homens
_____	_____	_____	_____	_____

7. De quem aceita mais facilmente tomar a iniciativa para um encontro sexual?

Muito mais de mulheres	De mulheres	Igualmente de homens e mulheres	De homens	Muito mais de homens
_____	_____	_____	_____	_____

8. De quem aceita mais facilmente a masturbação frequente?

Muito mais de mulheres	De mulheres	Igualmente de homens e mulheres	De homens	Muito mais de homens
_____	_____	_____	_____	_____

Anexo B. Teste à Normalidade

Tabela 2

Teste de Aderência de Kolmogorov-Smirnov à Distribuição Normal – Duplo Padrão Sexual

	Kolmogorov-Smirnov ^a		
	Statistic	df	Sig.
DPS_Total	.252	802	<.001
DPS_RelSex	.296	802	<.001
DPS_AtSex	.268	802	<.001

a. Lilliefors Significance Correction

Anexo C. Teste ao Coeficiente de Correlação

Tabela 3

Teste ao Coeficiente de Correlação de Spearman – Idade

		Idade	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Idade	Correlation Coefficient	1	-.048	-.044	-.053
	Sig. (2-tailed)		.175	.217	.134
	N	802	802	802	802
DPS_Total	Correlation Coefficient	-.048	1	.859**	.870**
	Sig. (2-tailed)	.175		<.001	<.001
	N	802	802	802	802
DPS_RelSex	Correlation Coefficient	-.044	.859**	1	.579**
	Sig. (2-tailed)	.217	<.001		<.001
	N	802	802	802	802
DPS_AtSex	Correlation Coefficient	-.053	.870**	.579**	1
	Sig. (2-tailed)	.134	<.001	<.001	
	N	802	802	802	802

** . Correlation is significant at te 0.01 level (2-tailed)

Tabela 4

Teste ao Coeficiente de Correlação de Spearman – Profissão

		Profissão	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Profissão	Correlation Coefficient	1	-.060	-.066	-.014
	Sig. (2-tailed)		.187	.151	.767
	N	479	479	479	479
DPS_Total	Correlation Coefficient	-.060	1	.859**	.870**
	Sig. (2-tailed)	.187		<.001	<.001
	N	479	802	802	802
DPS_RelSex	Correlation Coefficient	-.066	.859**	1	.579**
	Sig. (2-tailed)	.151	<.001		<.001
	N	479	802	802	802
DPS_AtSex	Correlation Coefficient	-.014	.870**	.579**	1
	Sig. (2-tailed)	.767	<.001	<.001	
	N	479	802	802	802

** . Correlation is significant at te 0.01 level (2-tailed)

Tabela 5*Teste ao Coeficiente de Correlação de Spearman – Habilitações Literárias*

		Habilitações	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Habilitações	Correlation Coefficient	1	-.066	-.047	-.061
	Sig. (2-tailed)		.060	.184	.084
	N	802	802	802	802
DPS_Total	Correlation Coefficient	-.066	1	.859**	.870**
	Sig. (2-tailed)	.060		<.001	<.001
	N	802	802	802	802
DPS_RelSex	Correlation Coefficient	-.047	.859**	1	.579**
	Sig. (2-tailed)	.184	<.001		<.001
	N	802	802	802	802
DPS_AtSex	Correlation Coefficient	-.061	.870**	.579**	1
	Sig. (2-tailed)	.084	<.001	<.001	
	N	802	802	802	802

** . Correlation is significant at te 0.01 level (2-tailed)

Anexo D. Testes de Hipóteses Não-Paramétricos

Tabela 6

Média das Ordenações da Variável Sexo

	Sexo	<i>N</i>	Mean Rank
DPS_Total	Homem	211	355.81
	Mulher	591	417.81
	Total	802	
DPS_RelSex	Homem	211	350.37
	Mulher	591	419.75
	Total	802	
DPS_AtSex	Homem	211	363.78
	Mulher	591	414.97
	Total	802	

Tabela 7

Teste de Mann-Whitney U para Duas Amostras Independentes – Sexo

	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Mann-Whitney U	52710.000	51562.500	54391.000
Z	-3.461	-4.086	-2.960
Asymp. Sig. (2-tailed)	<.001	<.001	.003

Tabela 8

Média das Ordenações da Variável Idade

	Idade	<i>N</i>	Mean Rank
DPS_Total	18 a 25 anos	377	414.64
	26 a 40 anos	207	388.07
	41 a 65 anos	208	388.59
	Mais de 65 anos	10	452.40
	Total	802	
DPS_RelSex	18 a 25 anos	377	412.89
	26 a 40 anos	207	389.44
	41 a 65 anos	208	391.29
	Mais de 65 anos	10	434.10
	Total	802	

DPS_AtSex	18 a 25 anos	377	415.40
	26 a 40 anos	207	387.45
	41 a 65 anos	208	388.25
	Mais de 65 anos	10	443.65
	Total	802	

Tabela 9

Teste de Kruskal-Wallis H para K Amostras Independentes – Idade

	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Kruskal-Wallis H	3.267	2.482	3.612
df	3	3	3
Asymp. Sig.	.352	.478	.306

Tabela 10

Média das Ordenações da Variável Género

	Género	N	Mean Rank
DPS_Total	Masculino	211	353.66
	Feminino	584	419.26
	Outro	7	361.93
	Total	802	
DPS_RelSex	Masculino	211	348.88
	Feminino	584	420.62
	Outro	7	392.21
	Total	802	
DPS_AtSex	Masculino	211	362.73
	Feminino	584	416.04
	Outro	7	357.21
	Total	802	

Tabela 11

Teste de Kruskal-Wallis H para K Amostras Independentes – Género

	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Kruskal-Wallis H	13.588	17.811	9.766

df	2	2	2
Asymp. Sig.	.001	<.001	.008

Tabela 12

Média das Ordenações da Variável Orientação Sexual

	Orientação Sexual	N	Mean Rank
DPS_Total	Bissexual	62	351.09
	Homossexual	50	412.10
	Heterossexual	667	406.81
	Outra	23	360.26
	Total	802	
DPS_RelSex	Bissexual	62	372.56
	Homossexual	50	428.35
	Heterossexual	667	402.33
	Outra	23	396.93
	Total	802	
DPS_AtSex	Bissexual	62	362.60
	Homossexual	50	424.81
	Heterossexual	667	406.18
	Outra	23	319.89
	Total	802	

Tabela 13

Teste de Kruskal-Wallis H para K Amostras Independentes – Orientação Sexual

	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Kruskal-Wallis H	4.431	1.983	6.209
df	3	3	3
Asymp. Sig.	.219	.576	.102

Tabela 14

Média das Ordenações da Variável Habilitações Literárias

	Habilitações Literárias	N	Mean Rank
DPS_Total	Ensino Básico	10	556.50

	Ensino Secundário	194	401.78
	Licenciatura	408	413.07
	Mestrado	154	367.38
	Doutoramento	18	405.72
	Outra	18	337.81
	Total	802	
DPS_RelSex	Ensino Básico	10	558.95
	Ensino Secundário	194	391.37
	Licenciatura	408	416.59
	Mestrado	154	366.06
	Doutoramento	18	412.75
	Outra	18	372.97
	Total	802	
DPS_AtSex	Ensino Básico	10	545.00
	Ensino Secundário	194	404.12
	Licenciatura	408	408.79
	Mestrado	154	378.21
	Doutoramento	18	396.64
	Outra	18	332.42
	Total	802	

Tabela 15

Teste de Kruskal-Wallis H para K Amostras Independentes – Habilitações Literárias

	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Kruskal-Wallis H	10.973	12.739	8.575
df	5	5	5
Asymp. Sig.	.052	.026	.127

Tabela 16

Média das Ordenações da Variável Zona de Residência

	Zona de Residência	N	Mean Rank
DPS_Total	Norte	28	313,96
	Centro	83	418.88
	Área Metropolitana de Lisboa	673	403.00

	Alentejo	9	470.89
	Algarve	6	324.08
	Regiões Autónomas	2	381.00
	Outra	1	281.50
	Total	802	
DPS_RelSex	Norte	28	337.93
	Centro	83	420.16
	Área Metropolitana de Lisboa	673	402.45
	Alentejo	9	371.72
	Algarve	6	374.08
	Regiões Autónomas	2	452.00
	Outra	1	323.50
	Total	802	
DPS_AtSex	Norte	28	316.50
	Centro	83	406.92
	Área Metropolitana de Lisboa	673	404.33
	Alentejo	9	538.06
	Algarve	6	253.08
	Regiões Autónomas	2	298.00
	Outra	1	298.00
	Total	802	

Tabela 17

Teste de Kruskal-Wallis H para K Amostras Independentes – Zona de Residência

	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Kruskal-Wallis H	6.726	3.710	11.659
df	6	6	6
Asymp. Sig.	.347	.716	.070

Tabela 18

Média das Ordenações da Variável Profissão

	Profissão	N	Mean Rank
DPS_Total	Grande Grupo 0	5	231.10
	Grande Grupo 1	53	269.14

	Grande Grupo 2	260	238.03
	Grande Grupo 3	43	239.47
	Grande Grupo 4	54	235.92
	Grande Grupo 5	37	229.11
	Grande Grupo 6	1	348.00
	Grande Grupo 7	7	247.86
	Grande Grupo 8	17	224.00
	Grande Grupo 9	2	123.75
	Total	479	
DPS_RelSex	Grande Grupo 0	5	217.00
	Grande Grupo 1	53	269.61
	Grande Grupo 2	260	237.76
	Grande Grupo 3	43	252.95
	Grande Grupo 4	54	230.69
	Grande Grupo 5	37	236.08
	Grande Grupo 6	1	42.50
	Grande Grupo 7	7	240.71
	Grande Grupo 8	17	218.24
	Grande Grupo 9	2	131.25
	Total	479	
DPS_AtSex	Grande Grupo 0	5	241.10
	Grande Grupo 1	53	246.19
	Grande Grupo 2	260	240.30
	Grande Grupo 3	43	225.00
	Grande Grupo 4	54	243.32
	Grande Grupo 5	37	240.88
	Grande Grupo 6	1	460.00
	Grande Grupo 7	7	228.93
	Grande Grupo 8	17	238.88
	Grande Grupo 9	2	189.50
	Total	479	

Tabela 19

Teste de Kruskal-Wallis H para K Amostras Independentes – Profissão

DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
-----------	------------	-----------

Kruskal-Wallis H	5.509	8.660	4.213
df	9	9	9
Asymp. Sig.	.788	.469	.897

Tabela 20

Média das Ordenações da Variável Situação Profissional

	Situação Profissional	N	Mean Rank
DPS_Total	Estudante	283	425.92
	Ativo(a)	462	383.52
	Desempregado(a)	34	411.28
	Reformado(a)	23	447.59
	Total	802	
DPS_RelSex	Estudante	283	417.51
	Ativo(a)	462	388.08
	Desempregado(a)	34	424.91
	Reformado(a)	23	439.37
	Total	802	
DPS_AtSex	Estudante	283	425.89
	Ativo(a)	462	387.12
	Desempregado(a)	34	369.26
	Reformado(a)	23	437.80
	Total	802	

Tabela 21

Teste de Kruskal-Wallis H para K Amostras Independentes – Situação Profissional

	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Kruskal-Wallis H	7.418	4.625	7.084
df	3	3	3
Asymp. Sig.	.060	.201	.069

Tabela 22

Média das Ordenações da Variável Crenças Religiosas

Crenças Religiosas	N	Mean Rank
--------------------	---	-----------

DPS_Total	Não sou religioso(a)	367	376.80
	Religioso(a), não praticante	221	412.81
	Cristão	158	449.84
	Outra	29	417.90
	Prefiro não responder	27	344.15
	Total	802	
DPS_RelSex	Não sou religioso(a)	367	382.26
	Religioso(a), não praticante	221	411.11
	Cristão	158	429.80
	Outra	29	458.19
	Prefiro não responder	27	357.91
	Total	802	
DPS_AtSex	Não sou religioso(a)	367	384.12
	Religioso(a), não praticante	221	409.25
	Cristão	158	443.96
	Outra	29	372.29
	Prefiro não responder	27	357.24
	Total	802	

Tabela 23

Teste de Kruskal-Wallis H para K Amostras Independentes – Crenças Religiosas

	DPS_Total	DPS_RelSex	DPS_AtSex
Kruskal-Wallis H	14.387	9.533	10.463
df	4	4	4
Asymp. Sig.	.006	.049	.033